

## **Meio Ambiente: ONU e o seu papel na disseminação da responsabilidade ambiental no Brasil**

Kauá Dietrich dos Santos Gonçalves

Leonardo Mèrcher

### **RESUMO**

O presente artigo analisa como a Organização das Nações Unidas trata das questões ambientais, especialmente em seu papel de disseminação da responsabilidade ambiental nos últimos anos. Talcott Parsons por meio de sua teoria do modelo LIGA, nos faz refletir sobre a importância da atuação de cada um de nós no funcionamento eficaz do todo, corroborando para perspectiva teórica da descentralização e institucionalização. Os dados foram levantados de fontes oficiais, bem como de um breve survey simplificado com habitantes das regiões sul, sudeste e nordeste do Brasil, perfazendo um total de 223 entrevistados. Como resultado os dados apontam para o engajamento brasileiro junto aos valores disseminados pela ONU.

**Palavras-chave:** Ambiente. ONU. Brasil.

### **INTRODUÇÃO**

A sociedade global segue em desenfreada em direção a destruição generalizada dos recursos que nosso planeta nos fornece. Seja de maneira consciente ou inconsciente a realidade é simplesmente lastimável e angustiante de ser assistida. É inegável que atitudes importantíssimas vêm sendo tomadas nas últimas décadas, desde conferências a protocolos e acordos firmados por meio de iniciativas de organizações internacionais juntamente com a participação de Estados Nações; porém é de conhecimento comum que uma atuação consciente da sociedade acerca de uma questão tão relevante quanto a que enfrentamos é essencial, pois não há possibilidade de sucesso sem o engajamento da massa humana que rege nosso planeta.

Esse projeto tem como objetivo apontar a necessidade de uma atuação mais eficaz da Organização das Nações Unidas (ONU) na disseminação de informações relativas a metas e projetos ambientais por ela organizados. Talcott Parsons por meio de sua teoria do modelo LIGA, nos faz refletir sobre a importância da atuação de cada um de nós no funcionamento eficaz do todo.

Os maiores problemas enfrentados atualmente são definitivamente globais e dificilmente podem ser combatidos por apenas um país, é nesse contexto que entra em cena a Organização das Nações Unidas (ONU), uma organização internacional que reúne quase todas as nações globais e que assume a responsabilidade de enfrentar desafios tão complexos, como o do cenário ambiental. Diversas atitudes já foram por ela tomadas desde sua primeira conferência realizada em Estocolmo em 1972, com o propósito de atender as necessidades da população presente não comprometendo as futuras gerações, indo assim em busca da tão almejada preservação do meio ambiente.

Décadas se passaram e o objetivo basilar traçado em 1972 ainda segue sendo perseguido, porém com uma urgência jamais vista. É evidente que o homem necessita da natureza para a manutenção de sua sobrevivência, no entanto o que tem sido promovido nos últimos anos é uma exploração irracional de recursos. Se persistirmos nesse ritmo, certamente as gerações futuras estarão destinadas a enfrentar sérios problemas. Além de a vida de todos os seres vivos na Terra correrem o risco de ser comprometida e até mesmo a do homem, caso o problema não seja enfrentado. “Um cartaz no Salão da Biodiversidade cita uma frase do ecologista de Stanford Paul Ehrlich: AO PRESSIONAR OUTRAS ESPÉCIES PARA A EXTINÇÃO, A HUMANIDADE ESTÁ SERRANDO O GALHO SOBRE O QUAL ESTÁ SENTADA. ” (KOLBERT, 2015. p.278). Uma afirmação que nos leva a refletir sobre para onde exatamente nossas atitudes estariam nos levando.

Em outro momento Cohn-Haft traz à tona uma reflexão ainda mais profunda sobre nosso papel como cidadãos, ao afirmar que: “Quando você encontra uma coisa que depende de outra, que por sua vez, depende de outra, toda a série de interações depende da constância. ” (KOLBERT, 2015. p.202). Levando-nos a perceber que há ciclos naturais que tem a necessidade de manter sua continuidade, caso contrário consequências significantes serão sentidas. Ressaltamos ainda que dentro desta constância, apenas ações conjuntas salvarão o meio ambiente, o equilíbrio constante ainda é a base em qualquer seara e na problemática ambiental não é diferente.

Hardin (1968, p. 1244) por sua vez afirma que “estamos presos em um sistema de sujar nosso próprio ninho (fouling our own nest) contanto que se comportam apenas como livres-empresas independentes e racionais.” É uma afirmação dura, porém real, o ser humano infelizmente se encontra em um ciclo deprimente em que a preocupação principal encontra-se apenas em maximizar aquilo que favorece seus interesses, mesmo que isso leve a destruição daquilo que futuramente poderá afetá-lo ou a seus descendentes diretos, como podemos notar nos dados abaixo citados:

“Geralmente, os recursos perdidos a cada três prédios construídos no Brasil seriam suficientes para erguer um novo edifício!” (CAVINATTO; RODRIGUES, 2003, p.16)

“As fábricas de vidro utilizam como matéria-prima a areia extraída do solo, causando uma série de problemas ao ambiente. Além de desmatar o local a ser explorado, o processo de escavação deixa buracos por toda parte nos terrenos, acelera a erosão, ou o desgaste do solo, levando sujeira para as águas dos rios.” (CAVINATTO; RODRIGUES, 2003, p.75). Lembrando que o reaproveitamento do vidro é infinito. Cada três quilos que caco moído gera exatamente três quilos de vidro, tornando assim um total desperdício o não reaproveitamento do mesmo. Além de ignoramos a possibilidade de uma economia de energia estrondosa.

Temos também o caso da indústria de alumínio a qual “a eletricidade gasta para fabricar uma única latinha descartável daria para manter uma televisão ligada por 3 horas.” (CAVINATTO; RODRIGUES, 2003, p.82) O Brasil se destaca na reciclagem deste material, porém não está sozinho no amplo consumo do mesmo, necessitando assim de uma cooperação mundial. “Das emissões globais de gás que causa o efeito estufa, 23% são causados pelo desflorestamento.” (ESTY, IVANOVA, 2005, p.236)

Por intermédio dos fatos acima e tantos outros que vem degradando nosso planeta podemos concluir que o ser humano, com toda sua individualidade tem a possibilidade de contribuir de alguma maneira para um melhor desenvolvimento do nosso planeta, se tiver a consciência do quanto estamos sendo afetados.

Em decorrência deste cenário alarmante, vemos a partir dos anos 2000 um engajamento exemplar da Organização das Nações Unidas (ONU) em trazer países das mais diversas nacionalidades em torno de 8 objetivos basilares para tornar o nosso mundo um lugar realmente sustentável para todos: os ODMs (Objetivos de Desenvolvimento do Milênio), que ao atingir seu prazo em 2015, porém não tendo atingido por completo seus objetivos, dá lugar a uma nova agenda, intitulada Objetivos de Desenvolvimento Sustentável – ODS ou até mesmo pelo conhecido nome de Objetivos Gerais, composta por 17 objetivos e suas 169 metas. Objetivos estes que surgem com o mesmo prazo final de 15 anos (neste caso, dezembro de 2030), com a intenção de dar continuidade aos objetivos anteriores, porém agora delimitando alguns outros temas importantes que acabaram não tendo tanto enfoque anteriormente.

Os ODS são: “1.Eradicação da Pobreza, 2.Fome Zero e Agricultura Sustentável, 3.Saúde e Bem-Estar, 4.Educação de Qualidade, 5.Igualdade de Gênero, 6.Água Potável e Saneamento, 7.Energia Limpa e Acessível, 8.Trabalho Decente e Crescimento Econômico, 9.Indústria, Inovação e Infraestrutura, 10.Redução das Desigualdade, 11.Cidades e Comunidades Sustentáveis, 12.Consumo e Produção Responsável, 13.Ação Contra a Mudança Global do Clima, 14.Vida na Água, 15.Vida Terrestre, 16.Paz,Justiça e Instituições Eficazes e 17.Parcerias e Meios de Implementação.” (ONU,2015) Todos minimamente detalhados no site citado.

Podemos ver que dos 17 objetivos, apesar de estarem todos interligados, 7 tem sua agenda voltada diretamente as questões ambientais, são eles: 6,7,11,12,13,14 e 15, objetivos estes que a ONU junto com seus 193 países membros vem tentando trabalhar de forma eficaz. Vemos um pouco disso por meio de engajamentos como o citado por TRIGUEIRO (2017) em que 195 países, tiveram a iniciativa no Acordo do Clima de Paris de não ultrapassar o teto máximo de 2 graus Celsius na temperatura média do nosso planeta, isso comparado ao período pré-Revolução Industrial.

Temos também o fato de que “britânicos planejam desativar todas as termelétricas a carvão até 2025” (TRIGUEIRO, ANDRÉ, 2017, p.20), minimizando assim sua contribuição negativa ao efeito estufa. No quesito

Cidades e Comunidades Sustentáveis, há o grande exemplo da utilização cada vez maior ao redor do mundo do bambu em construções diversas, “se o biodiesel é o combustível que ‘se planta’, não seria exagero dizer que o bambu é o ‘aço verde’. O consumo de energia é cinquenta vezes menor. Além de resistente, o bambu não polui, e ainda absorve carbono da atmosfera enquanto cresce. Um bônus importante em tempos de aquecimento global.” (TRIGUEIRO, ANDRÉ, 2017, p.249)

Estas e outras ações conscientes e extremamente impactantes, tem reconhecidamente sua grande propagação entre os países graças a programas, como os aqui citados, desenvolvidos pela respeitável Organização das Nações Unidas. O que estaria dando errado então? Qual seria a causa do baixíssimo engajamento da população em uma causa de tamanha importância?

É notório que o papel de cada Estado Nação segue sendo o de disseminar informações de conscientização de acordo com sua cultura da maneira mais clara possível, porém é inegável a diferença que nosso planeta poderia constatar se houvesse um empenho por parte dessa organização tão influente (ONU) em, não apenas trabalhar na criação de objetivos como os ODM e ODS junto com os governos dos Estados Nações, mas principalmente de disseminar estes objetivos para aqueles que certamente podem fazer a diferença, trazendo estes objetivos para a realidade da sociedade, pois possivelmente se a população tivesse ideia da sua importância, ou simplesmente soubesse que estes objetivos existem e os compreendessem verdadeiramente, poderia haver um engajamento maior. Entretanto a realidade é penosa, a falta de conscientização que reina, acaba tornando tal assunto, na concepção de muitos, algo não tão relevante ou até mesmo sem necessidade alguma de empenho.

Vivemos em um mundo cibernético, onde há uma facilitação clara na disseminação de informações; eficiente seria se organizações como a mencionada utilizasse de recursos como este a favor de causas extremamente relevantes como esta, engajando a sociedade na busca por diminuir tamanho impacto.

Hobson (2003, p.427 apud SIQUEIRA, 2008) cita que “a possibilidade de mudança comportamental ocorre quando o indivíduo faz conexões entre a informação fornecida sobre os problemas ambientais gerais e os impactos de suas práticas e hábitos diários, usando sua própria experiência para discutir os padrões de produção e consumo. ” Sinalizando essa carência de conscientização da sociedade dos efeitos de suas ações sobre o meio ambiente, a responsabilidade que possui em cada atitude tomada.

O termo responsabilidade já é bem definido como “obrigação de responder pelas ações próprias, pelas dos outros ou pelas coisas confiadas” (RESPONSABILIDADE,2016). Isso desde a responsabilidade em jogar um material reciclável em seu lugar mais adequado, utilizar energia e água de maneira mais consciente até o momento de pleitear junto à autoridades responsáveis, atitudes para a manutenção daquilo que direta ou indiretamente, consciente ou inconscientemente também somos responsáveis.

A ONU em meio aos seus 17 objetivos apresentados assume parcela dessa responsabilidade, porém é de extrema importância a conscientização, também através dela, da sociedade a respeito de cada uma destas metas, pois como bem declarado pelo presidente da Assembleia Geral das Nações Unidas:

Since today's youth will be the inheritors of the success or failure of the Sustainable Development Goals, their ownership and commitment to the Goals will be critical to success. For this to be so, they must be taught to embrace the 17 Goals as fundamental to their future well-being and sustainability. (THOMPSON, 2016).

Sendo assim, a organização deve sim continuar a engajar Estados Nações ao redor do globo a de maneira incessante, ir de encontro a atingir os objetivos traçados, porém a mesma como responsável por tal iniciativa, tem também a responsabilidade de trabalhar tais metas junto à sociedade. Há cursos disponibilizados pela própria organização em seu website a respeito do tema aqui destacado, o qual raras são as pessoas que tem conhecimento, os próprios 17 objetivos ou até mesmo os 8 anteriores, seguem desconhecidos por muitos, mesmo após quase 17 anos de seu pontapé inicial (isso tendo como base o início dos ODMs no ano 2000).

Há de se haver, dentre outras, uma iniciativa cibernética – a qual tornar-se constante necessária num mundo progressivamente tecnológico. Tais metas poderiam ser viabilizadas por meio de parcerias, as quais poderiam utilizar artifícios de propagação como vídeos, propagandas virtuais, filme (inclusive os já existentes) afim de ampliar a conscientização global. Juntos, ONU, Estados Nações e sociedade, podem de maneira mais eficaz, como declarado por (SUKHDEV, 2011) atribuir devido valor ao que a natureza nos proporciona gratuitamente todos os dias (apud TRIGUEIRO, 2017, p. 67). Forças somadas, são mais fortes e eficientes.

Parsons por meio de sua teoria funcionalista a qual defende que todos possuem um papel a exercer ou uma função a cumprir que deve ser cumprida com a intenção de manter uma boa estrutura social, indiretamente presta uma colaboração teórica que tem a possibilidade em certo modo, de conscientizar-nos de nossos papéis como seres humanos. Em seu modelo LIGA, o qual temos como definição L: latência, I: integração, G: consecução dos objetivos e A: adaptação, Parsons divide uma parte importante de sua obra em quatro funções.

Pareceu a Parsons que no nível mais geral da análise podia-se considerar o organismo biológico, a personalidade, a cultura e o sistema social como os quatro subsistemas mais globais do sistema geral de ação. E daí, concluiu que estes quatro subsistemas se situavam uns em relação aos outros numa ordem que descreve o esquema das quatro funções do sistema de ação. O organismo biológico, corresponde à função de adaptação; é pelos sentidos que se estabelece o contato com o universo físico, quer para se adaptar a ele, quer para manipulá-lo, quer para transformá-lo. Pelo organismo, há, portanto, ao mesmo tempo, adaptação ao meio e adaptação do meio às necessidades da ação. A personalidade psicológica responde a função de consecução dos objetivos. É no sistema psíquico, e por ele, que se definem os objetivos e que se mobilizam os recursos e as energias para atingir aos fins visados. O sistema social representa a função integração. É ele que une as solidariedades, propões as lealdades, fixa os limites, impões as coerções. A cultura se assimila a função de latência. Fornece aos atores os elementos de motivação e o apoio da ação pelas normas, ideias, valores, ideologias que lhes propõem ou lhes impõem. (PARSONS, 1976. p. 52 e 53)

Através desta citação e com o amadurecimento de sua teoria, Parsons nos mostra que o ambiente ao qual pertencemos é possível por conta da existência destes subsistemas por ele trabalhado. Por meio da latência

podemos integrar os indivíduos a sociedade estabelecendo o aceitável e o não aceitável, certo ou errado e diversas outras maneiras as quais podemos elencar inúmeras questões de interesse geral, inclusive a ambientalista. Em seguida temos a Integração, que fixa limites à sociedade com a intenção de cumprir regras basilares para boa convivência em um sistema, afim de atingir objetivos gerais; o que aqui se entendidos como ambientais haveria possibilidade de uma conscientização em massa acelerada, pois muitas vezes dependemos de regras para uma maior agilidade em alcançarmos objetivos significativos.

Seguimos com a Consecução dos Objetivos que seria por meio de organismos como organizações responsáveis por fixar objetivos e apresentá-los à sociedade afim de gerar cooperação para atingi-los, é principalmente aqui que organizações como a ONU devem se fazer mais presente em questões tão relevantes, como é o caso da disseminação para sociedade de objetivos como ODM e ODMS, com a finalidade de gerar impacto significativo na corrida por atingir tais objetivos. Por fim todas as funções culminam na adaptação, que é basilar, porém acabam sendo até mesmo uma consequência.

Podemos assim entender, que para o homem viver em sociedade deve haver uma contribuição de suas partes para o funcionamento do todo. Cada um tem seu papel e no final todos somos um só, porém se as partes não se unirem, se não houver uma conscientização de todos, qualquer objetivo a ser alcançado terá seu destino tardado.

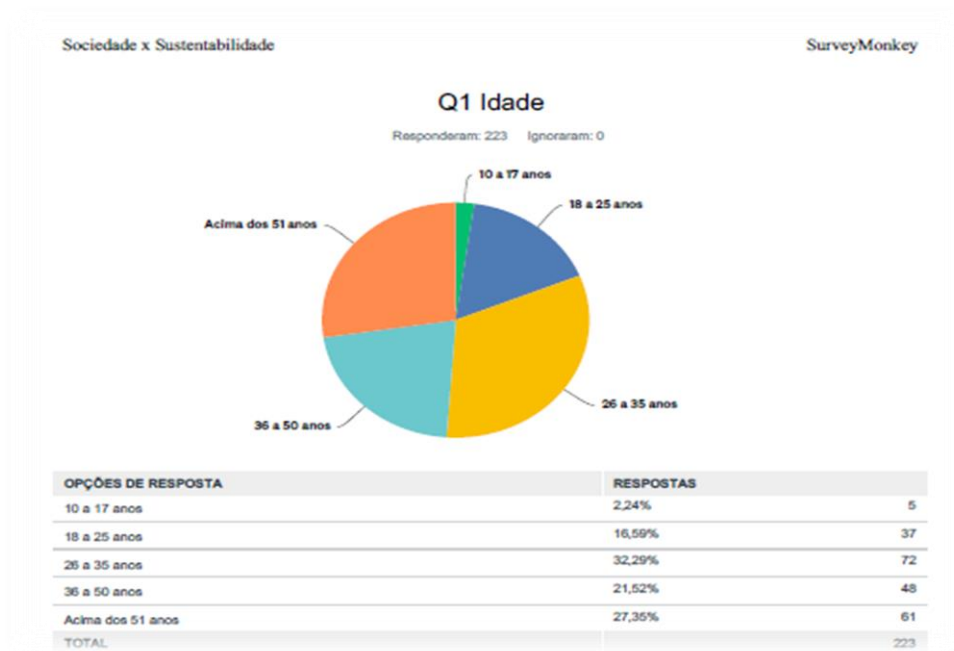
“Não importa qual o objetivo do grupo, como também é indiferente saber a posição social, a condição econômica, o nível intelectual, ou a atividade profissional de seus integrantes. Sempre que um grupo de pessoas se organiza, si dispõe a trabalhar em conjunto por um objetivo algum resultado é conseguido, e sempre o grupo consegue mais que qualquer de seus integrantes obteria se agisse isoladamente.” (DALLARI, 1989, p.45 e 46)

Por meio de uma pesquisa realizada em setembro/outubro de 2017 com a participação de 223 cidadãos habitantes das regiões sul, sudeste e nordeste do Brasil, das mais diversas condições sociais e faixa etária, foi possível



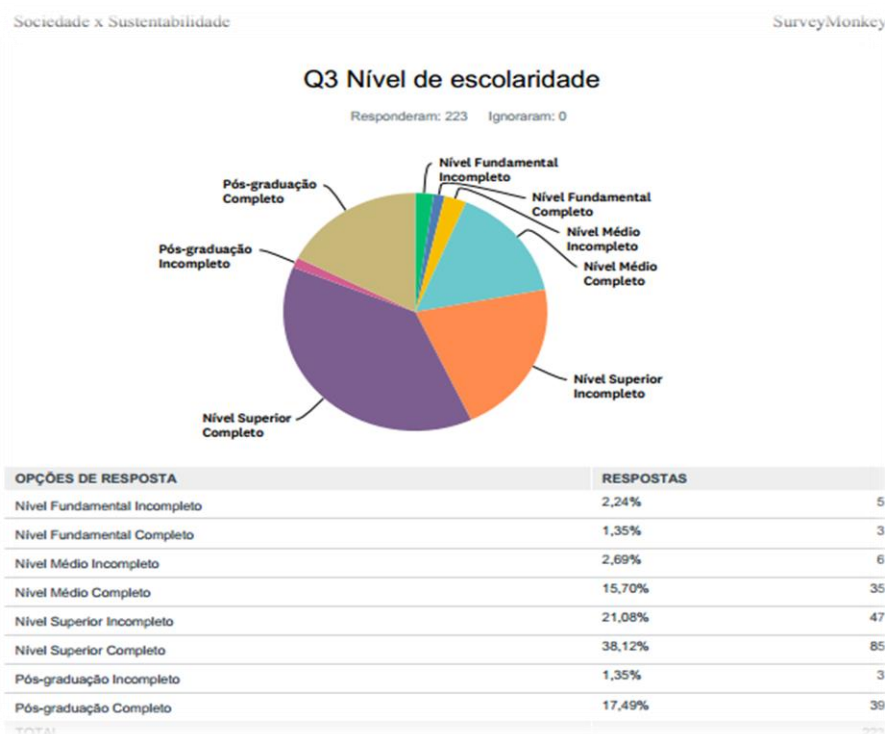
primeiramente confirmar algumas informações já imagináveis, como o fato de praticamente 99% dos entrevistados terem acesso à internet quase que diariamente, constatação essa que atesta uma maneira clara e eficaz de uma possível disseminação de tais informações/objetivos diretamente à realidade da sociedade. Dados estes que podem ser visualizados nos gráficos abaixo:

Gráfico 1: Faixa etária dos entrevistados



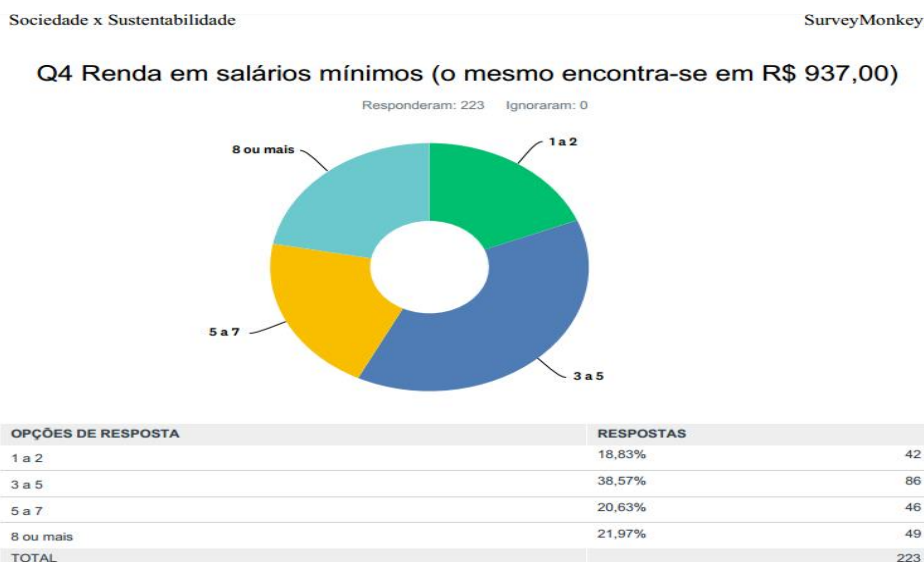
Elaboração do autor

Gráfico 2: Nível de escolaridade dos entrevistados



Elaboração do autor, 2017.

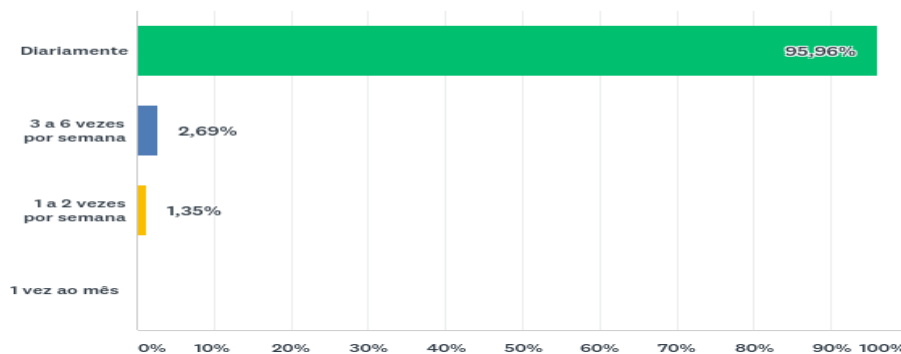
Gráfico 3: Faixa de Renda dos entrevistados



Elaboração do autor, 2017.

Gráfico 4: Frequência de acesso à internet entre os entrevistados

### Q5 Frequência de acesso a internet



Elaboração do autor, 2017.

Posteriormente tal pesquisa nos proporciona uma visão um tanto quanto surpreendente em diversos aspectos, partindo do ponto em que mais de 99% da população considera o cuidado com o meio ambiente sua responsabilidade, além de quase 90% acreditar que questões ambientais tem algum impacto direto em seu dia a dia. Informações essas que levam-nos a acreditar que a sociedade encontra-se finalmente no caminho para conscientização de seus atos para com o meio ambiente. Constatação que é intensificada quando apuramos que mais da metade dos entrevistados já fazem a reciclagem dos materiais descartados em sua residência.

Porém em meio a todos esses resultados positivos obtidos, nos deparamos com a realidade tão debatida neste projeto ao detectar que quase 70% destes entrevistados nunca se quer ouviram falar de objetivos tão basilares tratados pela ONU e Estados Nações, os ODM e ODS. A pesquisa é encerrada com a pergunta de ouro: “o que está faltando para um engajamento maior da população? E com 72% os participantes acreditam que a conscientização dos impactos causados por atitudes tomadas pelos mesmos é o que está faltando.

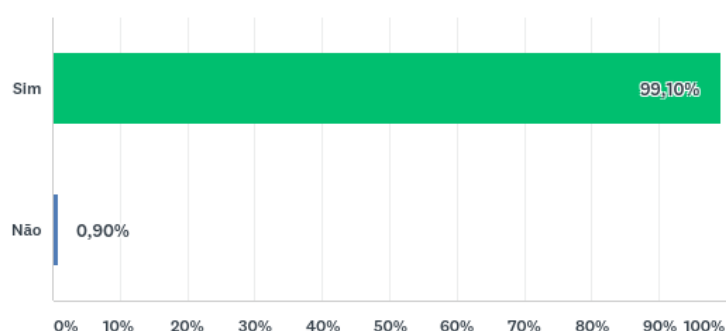
Neste cenário, podemos extrair algo extremamente positivo que é a certeza de que a sociedade já consegue, mesmo que apenas internamente, sem tomar muitas atitudes, perceber que tem a obrigação e o dever de fazer algo em prol de seu planeta, porém que a mesma se encontra ainda um tanto desorientada, não conseguindo definir exatamente o que seria ao certo sua

“responsabilidade” e de que forma poderia atingi-la. Situação ideal para haver um engajamento na disseminação de informações por parte de organizações internacionais, como a renomada ONU.

Acompanhe os gráficos abaixo para uma melhor visualização da situação acima relatada:

Gráfico 5: Responsabilidade com o ambiente

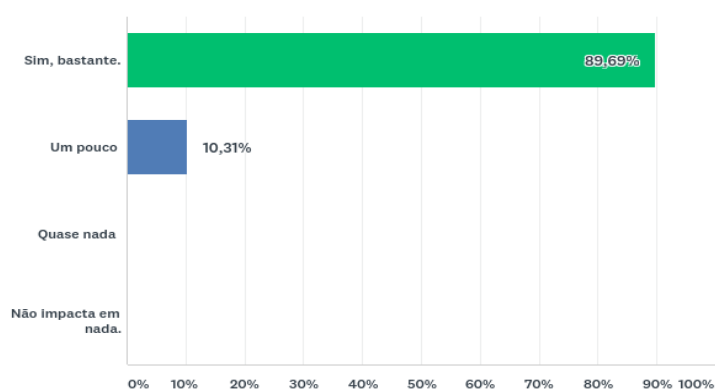
Q6 Considera o cuidado com o meio ambiente sua responsabilidade ?



Elaboração do autor

Gráfico 6: Impacto ambiental no dia a dia

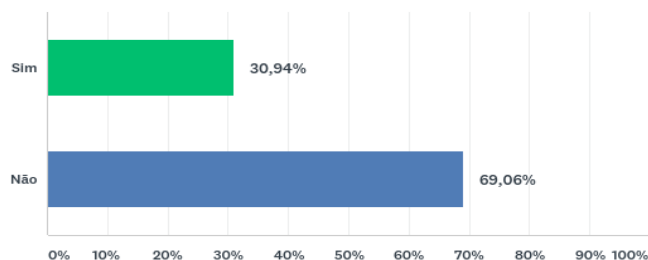
Q7 Acredita que as questões ambientais tem algum impacto no seu dia a dia ?



Elaboração do autor

Gráfico 7: Conhecimento sobre ODM/ODS

Q9 Você já ouviu falar nos ODM (Objetivos de Desenvolvimento do Milênio) ou ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável) ?

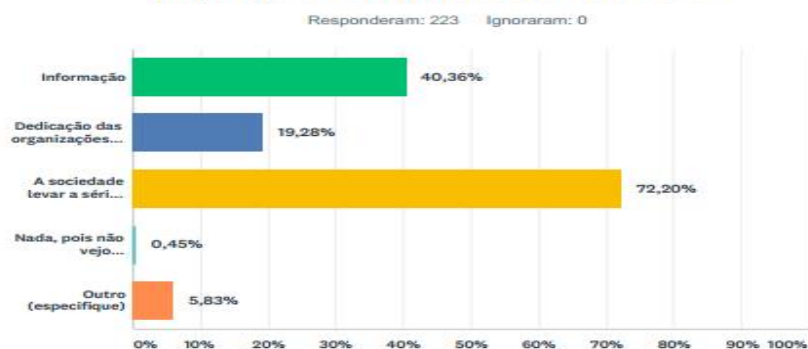


Elaboração do autor

Gráfico 8: Engajamento da população com as questões ambientais

Sociedade x Sustentabilidade SurveyMonkey

Q10 Na sua opinião o que está faltando para um engajamento maior da população nas questões ambientais?



| OPÇÕES DE RESPOSTA                                                                     | RESPOSTAS  |
|----------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| Informação                                                                             | 40,36% 90  |
| Dedicção das organizações internacionais/países                                        | 19,28% 43  |
| A sociedade levar a sério a grande divulgação dos impactos causados por suas atitudes. | 72,20% 161 |
| Nada, pois não vejo necessidade de fazer mais do que já é feito.                       | 0,45% 1    |
| Outro (especifique)                                                                    | 5,83% 13   |
| Total de respondentes: 223                                                             |            |

Elaboração do autor

“Existem atualmente, mais de quinhentos tratados multilaterais sobre o meio ambiente, mais de uma dúzia de agências internacionais dividem responsabilidades ambientais, e, todavia, as condições ambientais não estão melhorando de modo significativo. Problemas como mudança climática, poluição do mar, degradação da pesca, desmatamento e desertificação persistem, com tendências em geral muito negativas. Além disso, os progressos das ciências ecológicas continuam a revelar novas ameaças aos bens globais – da contaminação do mercúrio à ruptura de sistemas hídricos – e novos inter-relacionamentos de questões.” (ESTY, IVANOVA, 2005, p. 208)

Levando isso em conta e o cenário de possível conscientização, porém um tanto desnordeado em que a população se encontra (como pudemos ver

na pesquisa acima), chegamos à conclusão que o diálogo entre as partes envolvidas em qualquer cenário, inclusive o ambiental, é simplesmente essencial.

Cada país certamente tem sua parcela na disseminação de objetivos por ele acordados de acordo com a sua cultura local, porém evidentemente que se a ONU, organização renomada que é, desse o pontapé inicial, o exemplo sem dúvida alguma seria por muito empregado.

Comprometimento e envolvimento são de fato a base de qualquer objetivo almejado, porém sem a disseminação eficaz dos mesmos não há como haver êxito algum.

“Somente após pescar o último peixe, derrubar a última árvore e poluir o último rio, o homem vai perceber que dinheiro não se come.” Encerramos este projeto com a esperança de que este provérbio tão utilizado pela Organização das Nações Unidas (ONU), realmente choque a sociedade de uma maneira que a motive a remar no caminho inverso a este cenário.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Por fim pudemos identificar o quão imprescindível é poder contar com a participação de cada cidadão na tônica da responsabilidade ambiental. Detectamos, por meio de um breve survey, alguns aspectos da evolução na conscientização da sociedade com relação à relevância de tal temática, entretanto notamos através de diversos exemplos citados, que isso ainda precisa e deve ser aperfeiçoado. Simplesmente que todo cidadão pode fazer a diferença, mesmo que através de atos para estes considerados singelos, só precisam tomar consciência da relevância destes atos, de sua participação.

Notamos também, que apesar de a Organização das Nações Unidas envolver-se há alguns anos em tal questão, ainda há evidentemente, uma significativa carência na disseminação de informações por parte da organização, levando em conta que mesmo a mesma não sendo a única responsável por tal questão, é atualmente a organização mais relevante e a que mais tem autonomia em abordar questões tão significativas como essa, conduzindo até que indiretamente, a grande maioria dos Estados Nações e

até mesmo cidadãos à voltar seus olhos à questões determinantes. Levando isso em conta, o artigo reconhece a atitude certa em traçar objetivos tão importantes como os ODM e ODS, iniciados por meio de iniciativas da organização, porém destaca a necessidade de um engajamento mais eficaz da mesma na disseminação de tantas informações relevantes que a organização possui à sociedade, pois é através da conscientização de uma sociedade que podemos alcançar resultados significativos em objetivos almejados.

## REFERÊNCIAS

DALLARI, Dalmo de Abreu, O que é Participação Política. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989)

ESTY, Daniel C., IVANOVA, Maria H., Governança Ambiental Global: Opções & Oportunidades. 1. ed. São Paulo: Senac, 2005.

HARDIN, Garrett. The Tragedy of Commons. Science, vol. 162, N. 3859, 13/12/1968, pp. 1243 – 1248. Disponível em [http://www.garretthardinsociety.org/articles/art\\_tragedy\\_of\\_commons.html](http://www.garretthardinsociety.org/articles/art_tragedy_of_commons.html).

KOLBERT, Elisabeth. A Sexta Extinção: Uma história não natural. 1.ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

ONU – Organização das Nações Unidas. Agenda 2030. (disponível na internet). Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>. Acesso em 02 novembro 2017.

RESPONSABILIDADE. Dicionário online do Aurélio, 24 set. 2016. Disponível em <http://dicionarioaurelio.com/responsabilidade> Acesso em 01 novembro 2017.

ROCHER, Guy, Talcott Parsons e a Sociologia Americana. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.

RODRIGUES, Francisco Luiz, CAVINATTO, Vilma Maria, Lixo: de onde vem? Para onde vai? 2. ed. São Paulo: Moderna, 2003.

SIQUEIRA, Leandro de Castro. Política Ambiental Para Quem? Ambiente & Sociedade vol.XI, N. 2, jul-dez. 2008 p. 425-437. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/asoc/v11n2/v11n2a14.pdf>

THOMPSON, Peter. Letter to Heads of State and Government from UN. 2016. <http://www.un.org/pga/71/wp-content/uploads/sites/40/2015/08/Letter-to-Heads-of-State-and-Government-from-UN-PGA-Educating-Youth-about-SDGs-Nov-2016-EN.pdf> . Acesso em: 05 novembro 2017.



TRIGUEIRO, André. Cidades e Soluções: Como construir uma sociedade sustentável. Rio de Janeiro: Leya, 2017.